

Análise matemática

Pedro Henrique de Almeida Konzen

3 de abril de 2018

Licença

Este trabalho está licenciado sob a Licença Atribuição-CompartilhaIgual 4.0 Internacional Creative Commons. Para visualizar uma cópia desta licença, visite <http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/> ou mande uma carta para Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, USA.

Prefácio

Sumário

Capa	i
Licença	ii
Prefácio	iii
Sumário	v
I Análise de funções de uma variável real	1
1 Introdução	3
2 Fundamentos da análise	4
2.1 Funções	4
2.1.1 Definição de função	4
2.1.2 Classificações elementares	5
2.1.3 Operações elementares	7
3 Limites	9
3.1 Noções de topologia	9
3.1.1 Exercícios	11
3.2 Limites	11
3.2.1 Propriedades do limite	12
3.3 Limites laterais	15
3.4 Limites no infinito e limites infinitos	17
4 Continuidade	19
4.1 Função contínua	19
4.2 Propriedades de funções contínuas	21
Referências Bibliográficas	24

Parte I

Análise de funções de uma variável real

Capítulo 1

Introdução

Em construção ...

Capítulo 2

Fundamentos da análise

2.1 Funções

2.1.1 Definição de função

Definição 2.1.1. (Função) Uma **função** $f : D \rightarrow Y$ é uma relação que associa cada elemento de um dado conjunto D com um único elemento de um dado conjunto Y . O conjunto D é chamado de **domínio** da função e o conjunto Y é chamado de **contradomínio** da função.

Comumente, uma dada função $f : D \rightarrow Y$ é acompanhada de sua **lei de correspondência**, a qual muitas vezes é denotada por $y = f(x)$. Neste caso, temos que a função f associa $x \in D$ ao elemento $y \in Y$. Neste contexto, x é chamada de **variável independente** e y de **variável dependente**. Ainda, muitas vezes uma função é descrita apenas por sua lei de correspondência e, neste caso, os conjuntos domínio e imagem são inferidos no contexto em questão.

Observação 2.1.1. Neste livro, quando não especificado ao contrário, assumiremos que o domínio e o contradomínio das funções consideradas são subconjuntos dos números reais,

Exemplo 2.1.1. Vejamos os seguintes casos:

- a) A relação $f : \{1,2,3\} \rightarrow \mathbb{R}$, $y = f(x) := x^2 + 1$, define uma função.
- b) A relação $g : D = \{0,1,2,3,4\} \rightarrow \mathbb{Z}$, $x^2 + y^2 = 9$ com $x \in D$ e $y \in Y$, não é uma função. Com efeito, $0 \in D$ e relaciona-se com $3 \in Y$ e $-3 \in Y$ no seu contradomínio.
- c) Da equação $y = \sqrt{x}$ pode-se inferir a função $h : x \in D \rightarrow y \in \mathbb{R}$, onde o domínio D é conjunto dos reais não negativos.

Definição 2.1.2. (Imagem de uma função) A **imagem** I_f de uma dada função $f : D \rightarrow Y$ é o conjunto de todos os elementos de Y que se relacionam com algum elemento de D , i.e.:

$$I_f := \{y \in Y; \exists x \in D \text{ tal que } y = f(x)\}. \quad (2.1)$$

Exemplo 2.1.2. Vejamos os seguintes casos:

- a) A função $f : \{1,2,3\} \rightarrow \mathbb{R}$, $y = f(x) := x^2 + 1$, tem imagem $I_f = \{1,4,9\}$.
- b) A imagem da função $f : \{0\} \cup \mathbb{N} \rightarrow \mathbb{R}$, $y = 2x + 1$, é conjunto dos números ímpares.
- c) A imagem da função $\text{sen} : \mathbb{R} \rightarrow \mathbb{R}$, $y = \text{sen } x$, é $I_{\text{sen}} = [-1, 1]$.

Observação 2.1.2. Dada uma função $f : D \rightarrow Y$ e um conjunto $A \subset D$, definimos a imagem de A pela função f por

$$f(A) := \{y \in Y; \exists x \in A \text{ tal que } y = f(x)\}. \quad (2.2)$$

Por exemplo, dada a função $f : \mathbb{R} \rightarrow \mathbb{R}$, $y = \sqrt{x}$, temos

$$f(\{0,1,4,9\}) = \{0,1,2,3\}. \quad (2.3)$$

Definição 2.1.3. (Gráfico) O **gráfico** de uma função $f : D \rightarrow Y$, $y = f(x)$, é o conjunto de todos os pares ordenados (x,y) tal que $x \in D$ e $y = f(x)$, i.e.

$$G_f := \{(x,y) \in D \times Y; y = f(x)\}. \quad (2.4)$$

Exemplo 2.1.3. O gráfico da função $f : \{1,2,3\} \rightarrow \mathbb{R}$, $y = f(x) := x^2 + 1$, é

$$G_f = \{(1,2), (2,5), (3,10)\}. \quad (2.5)$$

2.1.2 Classificações elementares

Definição 2.1.4. (Função limitada) Seja dada uma função $f : D \rightarrow \mathbb{R}$, $y = f(x)$. Dizemos que f é uma **função limitada inferiormente** (ou **limitada à esquerda**) quando existe $m \in \mathbb{R}$ tal que $m \leq f(x)$ para todo $x \in D$. Analogamente, dizemos que f é uma **função limitada superiormente** (ou **limitada à direita**) quando existe $M \in \mathbb{R}$ tal que $f(x) \leq M$ para todo $x \in D$. Ainda, f é dita ser **limitada** quando é limitada inferiormente e superiormente.

Exemplo 2.1.4. Vejamos os seguintes casos:

- a) A função $f : \mathbb{R} \rightarrow \mathbb{R}$, $y = x^2 + 1$, é limitada inferiormente. De fato, para cada $x \in \mathbb{R}$ temos $x^2 \geq 0$ e, portanto, $y = x^2 + 1 \geq 1$.

b) A função seno é uma função limitada. Isto segue imediatamente da definição da função seno no círculo unitário (círculo trigonométrico).

Definição 2.1.5. Restrição/extensão de uma função Uma função $g : A \rightarrow Y$, $y = g(x)$, é dita ser uma **restrição** da dada função $f : D \rightarrow Y$ quando $A \subset D$ e $g(x) = f(x)$ para todo $x \in A$. Analogamente, f é uma **extensão** da função g .

Exemplo 2.1.5. A função $f : \mathbb{R} \rightarrow \mathbb{R}$, $y = x + 1$, é uma extensão da função $g : \mathbb{R} \setminus \{1\} \rightarrow \mathbb{R}$, $y = \frac{x^2 - 1}{x - 1}$.

Definição 2.1.6. (Função injetiva) Uma função $f : D \rightarrow Y$, $y = f(x)$, é dita ser **injetiva** (**injetora** ou **inversível**) quando para todo $x_1, x_2 \in D$ com $x_1 \neq x_2$ temos $f(x_1) \neq f(x_2)$.

Observação 2.1.3. Uma função $f : D \rightarrow \mathbb{R}$, $y = f(x)$, é injetiva se, e somente se, para todo $x_1, x_2 \in D$ tal que $f(x_1) = f(x_2)$ temos $x_1 = x_2$.

Exemplo 2.1.6. Vejamos os seguintes casos:

- a) A função $f(x) = x^2$ não é injetiva, pois tomando $x_1 = -1$ e $x_2 = 1$ temos $x_1 \neq x_2$, mas $f(x_1) = f(x_2)$.
- b) A função $f(x) = \sqrt{x+1}$ é injetiva. De fato, dados $x_1, x_2 \in \mathbb{D}$ tal que $f(x_1) = f(x_2)$, então $\sqrt{x_1+1} = \sqrt{x_2+1}$. Agora, tomando o quadrado dos dois lados, temos $x_1 = x_2$.

Definição 2.1.7. (Função sobrejetiva) Uma função $f : D \rightarrow Y$, $y = f(x)$, é **sobrejetiva** quando $f(D) = Y$ (ou, equivalentemente, $I_f = Y$).

Exemplo 2.1.7. A função $f : (0, \infty) \rightarrow \mathbb{R}$, $f(x) = \ln(x)$, é sobrejetiva. De fato, dado qualquer $y \in \mathbb{R}$ basta escolhermos $x = e^y$ para termos $f(x) = y$.

Observação 2.1.4. Uma função injetiva e sobrejetiva é dita ser **bijetiva**.

Definição 2.1.8. (Função inversa) Dada uma função invertível (i.e. injetora) $f : D \rightarrow Y$, $y = f(x)$, definimos sua **inversa** por $f^{-1} : f(D) \rightarrow D$ que associa cada elemento $y \in f(D)$ com $x \in D$ tal que $f(x) = y$.

Exemplo 2.1.8. Vejamos os seguintes casos:

- a) A inversa da função $f : (0, \infty) \rightarrow \mathbb{R}$, $y = \ln(x)$, é a função $f^{-1} : \mathbb{R} \rightarrow (0, \infty)$, $y = e^x$.
- b) A inversa da função $f : [-1, \infty) \rightarrow [0, \infty)$, $y = \sqrt{x+1}$, é a função $f^{-1} : [0, \infty) \rightarrow [-1, \infty]$, $y = x^2 - 1$. De fato, f é sobrejetiva e dado $x \in [-1, \infty]$ temos $f(x) = y = \sqrt{x+1}$ e, então $y^2 = x+1$, logo $x = y^2 - 1$.

Definição 2.1.9. (Função monótona) Seja dada uma função $f : D \rightarrow Y$. Dizemos que f é **crescente** quando para todo $x_1, x_2 \in D$ com $x_1 < x_2$, temos $f(x_1) < f(x_2)$. Agora, quando para todo $x_1, x_2 \in D$ com $x_1 < x_2$ temos $f(x_1) \leq f(x_2)$, dizemos que f é uma **função não-decrescente**. Analogamente, quando para todo $x_1, x_2 \in D$ com $x_1 < x_2$ temos $f(x_1) > f(x_2)$ dizemos que f é uma função **decrescente**. Por fim, quando para todo $x_1, x_2 \in D$ com $x_1 < x_2$ temos $f(x_1) \geq f(x_2)$ dizemos que f é uma função **não-crescente**.

Exemplo 2.1.9. Vejamos os seguintes casos:

- a) $f : \mathbb{R} \rightarrow \mathbb{R}, y = x^3$, é uma função crescente.
- b) $f : \mathbb{R} \rightarrow \mathbb{R}, y = e^{-x}$ é uma função decrescente.

Definição 2.1.10. (Paridade de uma função) Uma função $f : D \rightarrow Y, y = f(x)$, é dita ser **par** quando para todo $x \in D$, temos $f(x) = f(-x)$. Agora, quando para todo $x \in D$, temos $f(x) = -f(-x)$, então dizemos se tratar de uma função **ímpar**.

Exemplo 2.1.10. Vejamos os seguintes casos:

- a) A função $f : \mathbb{R} \rightarrow \mathbb{R}, y = |x|$, é uma função par.
- b) A função $f : \mathbb{R} \rightarrow \mathbb{R}, y = x^3$, é uma função ímpar.

2.1.3 Operações elementares

Operações elementares envolvendo funções são comumente definidas tomando o cuidado de restringir o domínio das funções operadas para um conjunto apropriado. Por exemplo, dadas as funções $f : A \rightarrow \mathbb{R}, y = f(x)$, e $g : B \rightarrow \mathbb{R}, y = g(x)$, definimos a função soma de f com g por $(f + g) : A \cap B \rightarrow \mathbb{R}, (f + g)(x) := f(x) + g(x)$. Agora, para estas mesmas função, definimos a função quociente de f com g por $(f/g) : A \cap B \setminus \{0\} \rightarrow \mathbb{R}, (f/g)(x) := f(x)/g(x)$.

Exemplo 2.1.11. A função $f : [0, \infty] \rightarrow \mathbb{R}, y = \sqrt{x} - |x|$, é a subtração da função $f_1 : [0, \infty] \rightarrow \mathbb{R}, y = \sqrt{x}$, com a função $f_2 : \mathbb{R} \rightarrow \mathbb{R}, y = |x|$, i.e. $f(x) = (f_1 - f_2)(x) := f_1(x) - f_2(x)$.

Definição 2.1.11. (Composição de funções) Sejam dadas as funções $f : D_f \rightarrow Y_f, y = f(x)$, e $g : D_g \rightarrow Y_g, y = g(x)$, com $I_g \subset D_f$. Definimos a **função composta** de f com g por $(f \circ g) : D_g \rightarrow Y_f$ com $(f \circ g)(x) = f(g(x))$.

Exemplo 2.1.12. A função $f : [0, \infty] \rightarrow \mathbb{R}, y = \sqrt{x^2 + 1}$, é a composição da função $f_1 : [0, \infty] \rightarrow \mathbb{R}, y = \sqrt{x}$, com a função $f_2 : \mathbb{R} \rightarrow \mathbb{R}, y = x^2 + 1$.

Exercícios

E 2.1.1. Sejam $f : D \rightarrow Y$, $y = f(x)$, e $A, B \subset D$. Mostre que $f(A \cup B) = f(A) \cup f(B)$.

E 2.1.2. Construa uma função crescente, limitada superiormente e com domínio igual ao conjunto dos números reais.

E 2.1.3. Mostre que $f : [1, \infty) \rightarrow \mathbb{R}$, $y = \sqrt{x^3 - 1}$, é injetora e construa sua inversa.

E 2.1.4. Mostre que se $f : D \rightarrow Y$ é injetora, então f não é par.

E 2.1.5. Mostre que uma dada função $f : \mathbb{R} \rightarrow \mathbb{R}$, $y = f(x)$, é limitada quando existe $c \in \mathbb{R}$ tal que $|f(x)| < c$, $\forall x \in \mathbb{R}$.

Capítulo 3

Limites

3.1 Noções de topologia

Definição 3.1.1. (Ponto interior) Diz-se que x é um **ponto interior** de um dado conjunto C quando existe um intervalo (a, b) que contém x e está contido em C , i.e. $x \in (a, b) \subset C$. O conjunto de todos os pontos interiores de C é chamado de seu **interior**.

Exemplo 3.1.1. a) Todo elemento de um intervalo aberto (a, b) é ponto interior deste.

b) O interior de um dado intervalo fechado $[a, b]$ é o intervalo aberto (a, b) .

Definição 3.1.2. (Conjunto aberto) Diz-se que C é **conjunto aberto** quando todos seus elementos são pontos interiores.

Exemplo 3.1.2. Vejamos os seguintes casos:

- a) O intervalo $(a, b) := \{x \in \mathbb{R}; a < x < b\}$ é um conjunto aberto. De fato, dado $x \in (a, b)$ podemos tomar $0 < \varepsilon < \min\{x - a, b - x\}$ de forma que $x \in (x - \varepsilon, x + \varepsilon) \subset (a, b)$.
- b) O intervalo $(a, b]$ não é aberto, pois $b \in (a, b]$ não é ponto interior.
- c) O conjunto vazio \emptyset é um conjunto aberto. Com efeito, se o conjunto \emptyset não é aberto, então existe um elemento $x \in \emptyset$ que não é ponto interior de \emptyset , o que é um absurdo pois \emptyset não contém elementos por definição.
- d) O conjunto dos números racionais \mathbb{Q} não é aberto.

Definição 3.1.3. (Vizinhança) Uma **vizinhança** de um dado ponto x é qualquer conjunto V que contenha x como ponto interior. Também, a **vizinhança simétrica** de um ponto $x \in \mathbb{R}$ é todo intervalo $V_\varepsilon(x) := (x - \varepsilon, x + \varepsilon)$ com $\varepsilon > 0$. Mais estrito, a **vizinhança perfurada** de $x \in \mathbb{R}$ é uma vizinhança de x que não contém x . Aproveitamos para fixar a notação:

$$V'_\varepsilon(x) := V_\varepsilon(x) \setminus \{x\} = \{y \in \mathbb{R}; 0 < |x - y| < \varepsilon\}.$$

Exemplo 3.1.3. Podemos reescrever o Exemplo 3.1.2 da seguinte forma. Um intervalo (a, b) é um conjunto aberto, pois para cada $x \in (a, b)$ podemos escolher $0 < \varepsilon < \min\{x - a, b - x\}$ tal que $V_\varepsilon(x) \subset (a, b)$.

Definição 3.1.4. (Ponto de acumulação) Um ponto x é chamado de **ponto de acumulação** de um dado conjunto C quando toda vizinhança de x contém infinitos pontos de C .

Exemplo 3.1.4. Vejamos os seguintes casos:

- a) O número a é ponto de acumulação do intervalo $(a, b]$ não degenerado. De fato, dado $\varepsilon > 0$, temos $(a, a + \varepsilon) \subset V_\varepsilon(a)$ e $(a, a + \varepsilon) \cap (a, b]$ é um conjunto infinito.
- b) Zero é o único ponto de acumulação do conjunto $\{1, 1/2, 1/3, \dots, 1/n, \dots\}$.

Definição 3.1.5. (Ponto isolado) Diz-se que x é **ponto isolado** de um dado conjunto C quando $x \in C$ não é ponto de acumulação de C . Diz-se que um conjunto é **discreto** quando todos seus elementos são pontos discretos.

Exemplo 3.1.5. Vejamos os seguintes casos:

- a) O conjunto dos números naturais \mathbb{N} é discreto.
- b) O conjunto dos números racionais \mathbb{Q} não é discreto.
- c) O conjunto $\{1, 1/2, 1/3, \dots, 1/n, \dots\}$ é discreto.

Definição 3.1.6. (Ponto aderente) Dizemos que x é **ponto aderente** de um dado conjunto C quando toda vizinhança de x contém algum ponto de C . O conjunto de todos os pontos aderentes de C é chamado de **fecho** (ou, conjunto de aderência) de C , o qual denotamos por \overline{C} .

Observação 3.1.1. Observe que todo ponto de um conjunto é aderente ao mesmo, bem como, todos os seus pontos de acumulação.

Exemplo 3.1.6. Vejamos os seguintes casos:

- a) O fecho de $(a, b]$ é o intervalo fechado $[a, b]$.

- b) O conjunto dos números reais \mathbb{R} é o fecho do conjunto dos números racionais \mathbb{Q} , i.e. $\overline{\mathbb{Q}} = \mathbb{R}$.

Definição 3.1.7. Conjunto fechado Dizemos que um conjunto C é **fechado** quando é igual ao seu fecho, i.e. $C = \overline{C}$.

Exemplo 3.1.7. Vejamos os seguintes casos:

- a) O intervalo $[a, b]$ é um conjunto fechado.
- b) O conjunto vazio \emptyset é fechado. Por quê?
- c) O conjunto dos números reais \mathbb{R} é fechado.
- d) O conjunto dos números racionais \mathbb{Q} não é fechado.

Definição 3.1.8. (Conjunto denso) Dizemos que um conjunto A é **denso** no conjunto B , quando todo ponto aderente de $\overline{A} \subset B$.

Exemplo 3.1.8. O conjunto dos números racionais \mathbb{Q} é denso no conjunto dos números reais \mathbb{R} .

3.1.1 Exercícios

E 3.1.1. Seja dado um conjunto C . Mostre que x é ponto de acumulação de C se, e somente se, toda vizinhança de x contém pelo menos um elemento de C diferente de x .

Resposta. Basta considerar sucessivas vizinhanças $V_{1/n}(x)$ com $n \in \mathbb{R}$.

E 3.1.2. Seja dado um conjunto C . Mostre que x é ponto isolado de C se, e somente se, existe uma vizinhança de x tal que $(V(x) \setminus \{x\}) \cap C = \emptyset$.

Resposta. A implicação segue imediatamente por negação.

3.2 Limites

Definição 3.2.1. (Limite) Sejam uma função $f : D \rightarrow \mathbb{R}$, $y = f(x)$, e a um ponto de acumulação de D . Diz-se que $L \in \mathbb{R}$ é o **limite** de $f(x)$ com x tendendo a a se, para todo $\varepsilon > 0$, existe $\delta > 0$ tal que

$$x \in D, 0 < |x - a| < \delta \Rightarrow |f(x) - L| < \varepsilon. \quad (3.1)$$

Quando isso ocorre, escrevemos

$$\lim_{x \rightarrow a} f(x) = L, \quad (3.2)$$

ou ainda, simplesmente, $f(x) \rightarrow L$ quando $x \rightarrow a$.

Exemplo 3.2.1. Vejamos os seguintes casos:

- a) Temos $\lim_{x \rightarrow 1} x - 1 = 0$. Isto segue imediatamente, pois, neste caso, $f(x) = x - 1$, $a = 1$, $L = 0$ e, então, dado $\varepsilon > 0$, tomamos $\delta = \varepsilon$ de forma que

$$x \in \mathbb{R}, 0 < |x - 1| < \delta \Rightarrow |x - 1 - 0| < \varepsilon. \quad (3.3)$$

- b) A função não precisa estar definida no ponto em o limite é tomado. Por exemplo, $\lim_{x \rightarrow 1} \frac{x^2 - 1}{x + 1} = 0$. Verifique!

Observação 3.2.1. Quando nos referirmos a expressão “ x tende a a ” (ou similares), estaremos sempre assumindo que a é um ponto de acumulação do domínio da função de interesse.

3.2.1 Propriedades do limite

Teorema 3.2.1. Se $f : \mathbb{D} \rightarrow \mathbb{R}$, $y = f(x)$, com $\lim_{x \rightarrow a} f(x) = L$, então $\lim_{x \rightarrow a} |f(x)| = |L|$.

Demonstração.

Seja $\varepsilon > 0$. Por hipótese, existe $\delta > 0$ tal que $x \in D$, $0 < |x - a| < \delta$ implica $|f(x) - L| < \varepsilon$. Tomando, então, um tal δ e observando que $||f(x)| - |L|| < |f(x) - L|$, temos que para todo $x \in D$, $0 < |x - a| < \delta$, ocorre $||f(x)| - |L|| < \varepsilon$.

■

Teorema 3.2.2. Se $f : \mathbb{D} \rightarrow \mathbb{R}$, $y = f(x)$, com $\lim_{x \rightarrow a} f(x) = L$ e $A < L < B$, então existe $\delta > 0$ tal que $x \in D$, $0 < |x - a| < \delta$ implica $A < f(x) < B$.

Demonstração.

De fato, por hipótese, para cada $\varepsilon > 0$, existe $\delta > 0$ tal que $x \in D$, $0 < |x - a| < \delta$ implica $|f(x) - L| < \varepsilon$. Então, o resultado segue escolhendo um tal δ quando $\varepsilon = \min\{L - A, B - L\}$.

■

Corolário 3.2.1. (Permanência do sinal) Se $f : \mathbb{D} \rightarrow \mathbb{R}$, $y = f(x)$, com $\lim_{x \rightarrow a} f(x) = L > 0$ ($L < 0$), então existe $\delta > 0$ tal que $x \in D$, $0 < |x - a| < \delta$, implica $f(x) > 0$ ($f(x) < 0$).

Demonstração.

Quando $L > 0$ ($L < 0$) basta escolher $A = 0$ ($B = 0$) no teorema anterior. ■

Teorema 3.2.3. (Operações com limites) Sejam $f_1, f_2 : D \rightarrow \mathbb{R}$, $y = f_1(x)$, $y = f_2(x)$, com $\lim_{x \rightarrow a} f_1(x) = L_1$ e $\lim_{x \rightarrow a} f_2(x) = L_2$, então (omitindo que $x \rightarrow a$)

- a) $\lim[f_1(x) + f_2(x)] = \lim f_1(x) + \lim f_2(x)$.
- b) para todo $k \in \mathbb{R}$, temos $\lim k f_1(x) = k \lim f_1(x)$.
- c) $\lim f_1(x) f_2(x) = \lim f_1(x) \cdot \lim f_2(x)$.
- d) $\lim \frac{f_1(x)}{f_2(x)} = \frac{\lim f_1(x)}{\lim f_2(x)}$, quando $L_2 \neq 0$.

Demonstração.

Seja dado $\varepsilon > 0$.

- a) Seja $\delta > 0$ tal que $x \in D$, $0 < |x - a| < \delta$ implica $|f_1(x) - L_1| < \varepsilon/2$ e $|f_2(x) - L_2| < \varepsilon/2$. Logo, para tais δ e x temos

$$|(f_1(x) + f_2(x)) - (L_1 + L_2)| \leq |f_1(x) - L_1| + |f_2(x) - L_2| < \frac{\varepsilon}{2} + \frac{\varepsilon}{2} = \varepsilon. \quad (3.4)$$

- b) O resultado é imediato para $k = 0$. Sejam $k \neq 0$ e $\delta > 0$ tal que $x \in D$, $0 < |x - a| < \delta$ implica $|f_1(x) - L_1| < \varepsilon/|k|$. Então, para tais δ e x temos $|k f_1(x) - k L_1| = |k| |f_1(x) - L_1| < |k| \varepsilon / |k| = \varepsilon$.

- c) Sejam $M > 0$ e $\delta > 0$ tal que $x \in D$, $0 < |x - a| < \delta$ implica $|f_1(x) - L_1| < \varepsilon/(2|L_2|)$, $|f_1(x)| < M$ (veja Teorema 3.2.2) e $|f_2(x) - L_2| < \varepsilon/(2M)$. Então

$$\begin{aligned} |f_1(x) f_2(x) - L_1 L_2| &= |f_1(x) f_2(x) - f_1(x) L_2 + f_1(x) L_2 - L_1 L_2| \\ &= |f_1(x)(f_2(x) - L_2) + (f_1(x) - L_1) L_2| \\ &\leq |f_1(x)| |f_2(x) - L_2| + |f_1(x) - L_1| |L_2| \\ &< M \frac{\varepsilon}{2M} + \frac{\varepsilon}{2|L_2|} |L_2| = \varepsilon. \end{aligned} \quad (3.5)$$

- d) De c), basta mostrar que $1/f_2(x) \rightarrow 1/L_2$ quando $x \rightarrow a$. Para tanto, seja $\delta > 0$ tal que $x \in D$, $0 < |x - a| < \delta$ implica $|f_2(x) - L_2| < \frac{\varepsilon L_2^2}{2}$ e $|f_2(x)| > |L_2|/2$ (veja Teorema 3.2.2). Então, para tais δ e x temos

$$\begin{aligned} \left| \frac{1}{f_2(x)} - \frac{1}{L_2} \right| &= \frac{|f_2(x) - L_2|}{|f_2(x) L_2|} \\ &< \frac{\frac{\varepsilon L_2^2}{2}}{|L_2| \frac{|L_2|}{2}} = \varepsilon. \end{aligned} \quad (3.6)$$

■

Teorema 3.2.4. *O limite de uma função $f : D \rightarrow \mathbb{R}$ é L quando $x \rightarrow a$ se, e somente se, para toda sequência $(x_n)_{n \in \mathbb{N}} \subset D \setminus \{a\}$ com $x_n \rightarrow a$, temos $f(x_n) \rightarrow L$.*

Demonstração.

- a) Primeiramente, mostraremos que se $\lim_{x \rightarrow a} f(x) = L$, então dada qualquer sequência $(x_n)_{n \in \mathbb{N}} \subset D \setminus \{a\}$ com $x_n \rightarrow a$, temos $f(x_n) \rightarrow L$. De fato, sejam $\varepsilon > 0$ e $(x_n)_{n \in \mathbb{N}} \subset D \setminus \{a\}$ com $x_n \rightarrow a$. Então, por hipótese, existe $\delta > 0$ tal que $x \in D$, $0 < |x - a| < \delta$ implica $|f(x) - L| < \varepsilon$. Agora, como $x_n \rightarrow a$, existe N suficientemente grande tal que $n > N$ implica $|x_n - a| < \delta$ e, portanto, $|f(x_n) - L| < \varepsilon$. Ou seja, $f(x_n) \rightarrow L$.
- b) Aqui, provaremos por absurdo que se para toda sequência $(x_n)_{n \in \mathbb{N}} \subset D \setminus \{a\}$ com $x_n \rightarrow a$ temos $f(x_n) \rightarrow L$, então $\lim_{x \rightarrow a} f(x) = L$. Ou seja, vamos assumir que existe um $\varepsilon > 0$ tal que para todo $\delta > 0$ existe algum $x \in D$, $0 < |x - a| < \delta$ com $|f(x) - L| > \varepsilon$. Sejam um tal ε e para cada $n \in \mathbb{N}$ um $x'_n \in D$ com $0 < |x'_n - a| < 1/n$ e $|f(x'_n) - L| > \varepsilon$. Com isso, temos formado uma sequência $(x'_n) \subset D \setminus \{a\}$, $x'_n \rightarrow a$, mas $f(x'_n) \not\rightarrow L$.

■

Corolário 3.2.2. *Um função $f : D \rightarrow \mathbb{R}$, $y = f(x)$, tem limite L quando $x \rightarrow a$ se, e somente se, para toda sequência $(x_n)_{n \in \mathbb{N}} \subset D \setminus \{a\}$ com $x_n \rightarrow a$ temos que $(f(x_n))_{n \in \mathbb{N}}$ é convergente.*

Demonstração.

Segue, imediatamente, do fato de que se (y_n) é uma sequência com $y_n \rightarrow L$, então toda subsequência de (y_n) é convergente e converge para L .

■

Teorema 3.2.5. (Critério de convergência de Cauchy) Uma condição necessária e suficiente para que uma função $f : D \rightarrow \mathbb{R}$, $y = f(x)$, tenha limite L quando $x \rightarrow a$ é que, para todo $\varepsilon > 0$, exista $\delta > 0$ tal que

$$x, y \in V'_\delta(a) \cap D \Rightarrow |f(x) - f(y)| < \varepsilon. \quad (3.7)$$

Demonstração.

- a) A suficiência segue do critério de convergência de Cauchy para sequências e do Corolário 3.2.2.
- b) Exercício 3.2.4.

■

Exercícios

E 3.2.1. Diga se é verdadeira ou falsa a seguinte afirmação: se $f : \mathbb{D} \rightarrow \mathbb{R}$, $y = f(x)$, com $\lim_{x \rightarrow a} f(x) = 0$, então $f(a) = 0$. Justifique sua resposta.

Resposta. Veja a Definição 3.2.1.

E 3.2.2. Mostre que se $f : \mathbb{D} \rightarrow \mathbb{R}$, $y = f(x)$, com $\lim_{x \rightarrow a} f(x) = L > 0$, então $\lim_{x \rightarrow a} \sqrt{f(x)} = \sqrt{L}$.

Resposta. Use o Teorema 3.2.2 observando que

$$|\sqrt{f(x)} - \sqrt{L}| = |(\sqrt{f(x)} - \sqrt{L}) \frac{\sqrt{f(x)} + \sqrt{L}}{\sqrt{f(x)} + \sqrt{L}}| = \frac{|f(x) - L|}{|\sqrt{f(x)} + \sqrt{L}|}. \quad (3.8)$$

E 3.2.3. Demonstre o Teorema 3.2.3 como um corolário do Teorema 3.2.4.

Resposta. Basta usar as propriedades de limites de seqüências.

E 3.2.4. Demonstre que se $f : D \rightarrow \mathbb{R}$, $y = f(x)$, tem limite L quando $x \rightarrow a$, então para qualquer $\varepsilon > 0$, existe $\delta > 0$ tal que $x, y \in V'_\delta(a) \cap D$ implica $|f(x) - f(y)| < \varepsilon$.

Resposta. Observe que $x, y \in V'_{\delta/2}(a)$ implica $|x - a| < \delta/2$ e $|y - a| < \delta/2$.

3.3 Limites laterais

Definição 3.3.1. (Limite lateral) Sejam uma função $f : D \rightarrow \mathbb{R}$, $y = f(x)$, e a um ponto de acumulação de D . Dizemos que $L \in \mathbb{R}$ é o **limite** de $f(x)$ com x tendendo a a **pela direita** se, para todo $\varepsilon > 0$, existe $\delta > 0$ tal que

$$x \in D, 0 < x - a < \delta \Rightarrow |f(x) - L| < \varepsilon. \quad (3.9)$$

Quando isso ocorre, escrevemos

$$\lim_{x \rightarrow a^+} f(x) = L, \quad (3.10)$$

ou ainda, simplesmente, $f(x) \rightarrow L$ quando $x \rightarrow a^+$. Analogamente, escreve-se $f(x) \rightarrow L$ quando $x \rightarrow a^-$, ou $\lim_{x \rightarrow a^-} f(x) = L$ se, para todo $\varepsilon > 0$, existe $\delta > 0$ tal que

$$x \in D, 0 < a - x < \delta \Rightarrow |f(x) - L| < \varepsilon. \quad (3.11)$$

Exemplo 3.3.1. Vejamos os seguintes casos:

- a) $\lim_{x \rightarrow 0^+} \frac{x}{|x|} = 1$. De fato, dado qualquer $\varepsilon > 0$ podemos escolher, por exemplo, $\delta = 1$ e, com isso, para todo $x \in \mathbb{R}$, $0 < x - 0 < 1$ implica $|x/|x| - 1| = 0 < \varepsilon$.
- b) $\lim_{x \rightarrow 0^-} \frac{x}{|x|} = -1$. De fato, dado qualquer $\varepsilon > 0$ podemos escolher, por exemplo, $\delta = 1$ e, com isso, para todo $x \in \mathbb{R}$, $0 < 0 - x < 1$ implica $|x/|x| - (-1)| = |-1 + 1| = 0 < \varepsilon$.

Definição 3.3.2. Ponto de acumulação lateral Seja C um conjunto. Dizemos que $a \in C$ é **ponto de acumulação à esquerda** de C se, para todo $\varepsilon > 0$ o conjunto $(a - \varepsilon, a) \cap C$ contém infinitos pontos de C . Analogamente, dizemos que $a \in C$ é **ponto de acumulação à direita** de C se, para todo $\varepsilon > 0$ o conjunto $(a, a + \varepsilon) \cap C$ contém infinitos pontos de C .

Teorema 3.3.1. Se $f : I \rightarrow \mathbb{R}$, $y = f(x)$, é uma função monótona e limitada, definida em um intervalo I no qual a é ponto de acumulação à esquerda (ponto de acumulação à direita), então f tem limite com $x \rightarrow a^-$ ($x \rightarrow a^+$).

Demonstração.

Consideremos o caso em que f é uma função não crescente e a seja ponto de acumulação à direita. Seja, então L o supremo do conjunto formado por $f(x)$ com $x \in I$ e $x > a$. Afirmamos que $f(x) \rightarrow L$ quando $x \rightarrow a^+$. De fato, dado qualquer $\varepsilon > 0$, existe $\delta > 0$ tal que $L - \varepsilon < f(a + \delta) \leq L$. Agora, como f é não crescente, para todo $x \in I$, $0 < x - a < \delta$, temos $L - \varepsilon < f(a + \delta) \leq f(x) \leq L$ e, portanto, $|f(x) - L| < \varepsilon$. Os outros casos são análogos e deixados para o leitor (veja, também, Exercício 3.3.1).

■

Exercícios

E 3.3.1. Demonstre o Teorema 3.3.1 para o caso de uma função crescente e a ponto de acumulação à esquerda.

Resposta. Análogo ao caso da considerado na demonstração do Teorema 3.3.1.

3.4 Limites no infinito e limites infinitos

Definição 3.4.1. (Limites infinitos) Sejam $f : D \rightarrow \mathbb{R}$, $y = f(x)$, e a um ponto de acumulação de D . Dizemos que o limite de $f(x)$ é $+\infty$ quando $x \rightarrow a$ se, para todo $k > 0$ existe $\delta > 0$ tal que para todo $x \in D$, $0 < |x - a| < \delta$ temos $f(x) > k$. Analogamente, dizemos que o limite de $f(x)$ é $-\infty$ quando $x \rightarrow a$ se, para todo $k > 0$ existe $\delta > 0$ tal que para todo $x \in D$, $0 < |x - a| < \delta$ temos $f(x) < -k$. Nestes casos escrevemos

$$\lim_{x \rightarrow a} f(x) = +\infty \quad \text{ou} \quad \lim_{x \rightarrow a} f(x) = -\infty, \quad (3.12)$$

respectivamente.

Exemplo 3.4.1. Vejamos os seguintes casos:

- a) $\lim_{x \rightarrow 0} 1/|x| = +\infty$. De fato, dado $k > 0$ basta tomarmos $\delta = 1/k$. Com isso, $0 < |x - 0| < \delta$ implica $|x| < 1/k$ e, portanto, $1/|x| > k$, i.e. $|1/|x| - 0| > k$.
- b) Seja $f : (-\infty, 0) \rightarrow \mathbb{R}$, $y = f(x) := 1/x$. Neste caso, $\lim_{x \rightarrow 0} f(x) = -\infty$. Deixamos a verificação para o leitor.

Definição 3.4.2. (Limite no infinito) Seja $f : D \rightarrow \mathbb{R}$, $y = f(x)$. Quando D é ilimitado superiormente dizemos que $f(x)$ tende a L quando $x \rightarrow +\infty$ se, para todo $\varepsilon > 0$ existe $k > 0$ tal que $x > k$ implica $|f(x) - L| < \varepsilon$. Analogamente, quando D é ilimitado inferiormente dizemos que $f(x)$ tende a L quando $x \rightarrow -\infty$ se, para todo $\varepsilon > 0$ existe $k > 0$ tal que $x < -k$ implica $|f(x) - L| < \varepsilon$. Nestes casos escrevemos

$$\lim_{x \rightarrow +\infty} f(x) = L \quad \text{ou} \quad \lim_{x \rightarrow -\infty} f(x) = L, \quad (3.13)$$

respectivamente.

Exemplo 3.4.2. Vejamos os seguintes casos:

- a) $\lim_{x \rightarrow \infty} 1/x = 0$. De fato, dado $\varepsilon > 0$ escolhemos $\delta = 1/\varepsilon$. Com isso, $x > \delta$ implica $0 < 1/x < 1/\delta = \varepsilon$ e, portanto, $|1/x - 0| < \varepsilon$.
- b) $\lim_{x \rightarrow -\infty} 1/x = 0$. Caso análogo ao anterior, verifique!

Observação 3.4.1. Observe que definições análogas às 3.3.1, 3.4.1 e 3.4.2 se aplicam para os casos:

$$\lim_{x \rightarrow a^{+/-}} f(x) = \pm/\mp \infty \quad \text{ou} \quad \lim_{x \rightarrow \pm\infty} f(x) = L. \quad (3.14)$$

Também, consideramos definições análogas para os casos:

$$\lim_{x \rightarrow a^{+/-}} f(x) = L^{\pm/\mp} \quad \text{ou} \quad \lim_{x \rightarrow +/-\infty} f(x) = L^{\pm/\mp}. \quad (3.15)$$

Teorema 3.4.1. *Toda função monótona e limitada superiormente (inferiormente), cujo domínio contenha $[c, +\infty)$ ($(-\infty, c]$), possui limite quando $x \rightarrow +\infty$ ($x \rightarrow -\infty$).*

Demonstração.

Consideremos o caso de $f : [c, +\infty) \rightarrow \mathbb{R}$, $y = f(x)$, função não decrescente e limitada superiormente. Seja, então L o supremo do conjunto imagem de f . Mostraremos que $f(x) \rightarrow L$ quando $x \rightarrow +\infty$. De fato, dado $\varepsilon > 0$ existe $k > 0$ tal que $L - \varepsilon < f(k) \leq L$. Agora, como f é não decrescente, para todo $x > k$ temos $L - \varepsilon < f(k) < f(x) \leq L$ e, portanto, $|f(x) - L| < \varepsilon$. Isto demonstra o caso considerado e deixamos para o leitor a verificação dos demais (veja, também, Exercício 3.4.1).



Exercícios

E 3.4.1.) Demonstre o Teorema 3.4.1 para o caso de uma função decrescente e limitada inferiormente.

Resposta. Análogo ao caso demonstrado no Teorema 3.4.1.

Capítulo 4

Continuidade

4.1 Função contínua

Definição 4.1.1. (Continuidade) Sejam $f : D \rightarrow \mathbb{R}$, $y = f(x)$, e a um ponto de acumulação de D . Dizemos que f é **contínua** no ponto a se as seguintes condições são satisfeitas:

- a) $a \in D$.
- b) existe o limite de $f(x)$ com $x \rightarrow a$.
- c) $f(x) \rightarrow f(a)$ quando $x \rightarrow a$.

Ainda, dizemos que f é uma **função contínua** (ou, simplesmente, contínua) quando f é contínua em todos os pontos de seu domínio.

Exemplo 4.1.1. Vejamos os seguintes casos:

- a) A função $f(x) = x - 1$ é contínua em todo o seu domínio.
- b) A função $g(x) = \frac{x^2 - 1}{x + 1}$ é **descontínua** (i.e., não contínua) no ponto $x = -1$, pois este não é um ponto no domínio da função.
- c) A função

$$h(x) = \begin{cases} \frac{x^2 - 1}{x + 1} & , x \neq -1, \\ 1, & x = -1 \end{cases} \quad (4.1)$$

é descontínua no ponto $x = -1$, pois

$$\lim_{x \rightarrow -1} h(x) = -2 \neq 1 = h(-1). \quad (4.2)$$

Teorema 4.1.1. *Se f e g são funções contínuas no ponto $x = a$, então são contínuas nestes pontos as funções: (a) $f + g$, (b) kf , $\forall k \in \mathbb{R}$, (c) f/g , dado que $g(a) \neq 0$.*

Demonstração.

Decorre imediatamente da definição de função contínua (Definição 4.1.1) e do Teorema 3.2.3. ■

Teorema 4.1.2. (Continuidade da função composta) Sejam dadas funções $f : D_f \rightarrow \mathbb{R}$ e $g : D_g \rightarrow \mathbb{R}$ com $g(D_g) \subset D_f$. Se g é contínua no ponto a e f é contínua no ponto $g(a)$, então a função composta $f \circ g$ é contínua no ponto a .

Demonstração.

É claro do enunciado que a pertence ao domínio de $f \circ g$. Como $(f \circ g)(a) = f(g(a))$, nos resta mostrar que $(f \circ g)(x)$ tende para $f(g(a))$ quando $x \rightarrow a$. Seja, então, $\varepsilon > 0$. Pela continuidade da f no ponto $g(a)$, tomemos $\delta' > 0$ tal que $y \in V_{\delta'}'(g(a)) \cap D_f$ implica $|f(y) - f(g(a))| < \varepsilon$. Agora, pela continuidade da g no ponto a , tomemos $\delta > 0$ tal que $x \in V_{\delta}'(a) \cap D_g$ implica $|g(x) - g(a)| < \delta'$. Logo, temos que se $x \in V_{\delta}'(a) \cap D_g$, então $|f(g(x)) - f(g(a))| < \varepsilon$, o que completa a demonstração. ■

Definição 4.1.2. (Continuidade lateral) Dizemos que f é **contínua à direita** (**contínua à esquerda**) no ponto a , se está definida neste ponto, onde seu limite à direita (à esquerda) é $f(a)$.

Exemplo 4.1.2. Vejamos os seguintes casos:

a) A função

$$f_1(x) = \begin{cases} x/|x| & , x \neq 0, \\ -1 & , x = 0 \end{cases} \quad (4.3)$$

é contínua à esquerda no ponto $x = 0$. De fato, $f_1(0) = -1$ e dado qualquer $\epsilon > 0$ podemos escolher, por exemplo, $\delta = \epsilon$ tal que $0 < 0 - x < \delta$ implica $|f_1(x) - (-1)| = |-1 - (-1)| = 0 < \epsilon$.

b) A função

$$f_2(x) = \begin{cases} x/|x| & , x \neq 0, \\ 1 & , x = 0 \end{cases} \quad (4.4)$$

é contínua à direita no ponto $x = 0$. Verifique!

Exercícios

E 4.1.1. Mostre que se $f : D \rightarrow \mathbb{R}$ é uma função contínua no ponto a e $f(a) > 0$, então existe $\delta > 0$ tal que $x \in V_\delta(a) \cap D$ implica $f(x) > 0$. Além disso, se removermos a hipótese de que f seja contínua no ponto a essa afirmação continua verdadeira? Justifique sua resposta.

Resposta. Segue imediatamente do Corolário 3.2.1.

E 4.1.2. Mostre que qualquer $f : D \rightarrow \mathbb{R}$ é contínua em no ponto a se, e somente se, f é contínua à esquerda e à direita neste ponto.

Resposta. Observe que f tem limite no ponto a se, e somente se, são iguais os limites à esquerda e à direita de f neste ponto.

4.2 Propriedades de funções contínuas

Teorema 4.2.1. Teorema do valor intermediário Seja $f : D \rightarrow \mathbb{R}$ uma função contínua no intervalo fechado $I = [a, b] \subset D$, com $f(a) \neq f(b)$. Então, dado qualquer d compreendido entre $f(a)$ e $f(b)$ (inclusive), existe $c \in I$ tal que $f(c) = d$.

Demonstração.

1. Primeiramente, notamos que o resultado é imediato para os casos de $d = f(a)$ e de $d = f(b)$.
2. Suponhamos $f(a) < 0 < f(b)$ e, mostraremos que se $d = 0$, então existe $c \in (a, b)$ tal que $f(c) = d$. Para tanto, usaremos o método da bisseção. Seja $I^{(1)} := [a^{(1)}, b^{(1)}] = [a, b]$, $l^{(1)}$ o comprimento do intervalo $I^{(1)}$ e $p^{(1)}$ o ponto médio deste. Se $f(p^{(1)}) = 0$ temos demonstrado o que queríamos. Agora, se $f(p^{(1)}) > 0$, escolhemos $I^{(2)} = [a, p^{(1)}]$. Entretanto, se $f(p^{(2)}) < 0$, escolhemos $I^{(2)} = [p^{(1)}, b]$. Em qualquer um dos casos $I^{(2)} := [a^{(2)}, b^{(2)}] \subset I^{(1)}$, $l^{(2)} = l^{(1)}/2$ e $f(a^{(2)}) < 0 < f(b^{(2)})$. Com isso, repetimos o procedimento de bisseção para o intervalo $I^{(2)}$ com $p^{(2)}$ o ponto médio deste. Se $f(p^{(2)}) = 0$ temos o resultado desejado, caso contrário escolhemos o intervalo fechado $I^{(3)} := [a^{(3)}, b^{(3)}] \subset I^{(2)}$, $l^{(3)} = l^{(2)}/2$ e $f(a^{(3)}) < 0 < f(b^{(3)})$. No pior dos casos, repetimos infinitamente este procedimento e, com isso, temos construído uma sequência de intervalos fechados $I^{(1)} \supset I^{(2)} \supset I^{(3)} \supset \dots \supset I^{(n)} \supset \dots$ cujos comprimentos tendem a zero. Logo, pelo Teorema dos intervalos encaixados $I^{(1)} \cap I^{(2)} \cap I^{(3)} \cap \dots \cap I^{(n)} \cap \dots = \{c\} \subset I$, o qual é o limite da sequência $a^{(n)}$ e da $b^{(n)}$. Daí, da continuidade da f e do fato de $f(a^{(n)}) < 0 < f(b^{(n)})$ temos

$$0 \geq \lim f(a^{(n)}) = f(c) = \lim f(b^{(n)}) \geq 0, \quad (4.5)$$

donde segue que $f(c) = 0$, como queríamos demonstrar.

3. Suponhamos que $f(a) < f(b)$ e $d \in (f(a), f(b))$. Neste caso, tomamos $g(x) = f(x) - d$ e, portanto, temos $g(a) < 0 < g(b)$. Pelo demonstrado no item 2., existe $c \in [a, b]$ tal que $g(c) = 0$ e, por consequência, $f(c) = d$.
4. No caso de $f(a) > f(b)$, tomamos $g(x) = -f(x)$, de forma que $g(a) < g(b)$. Então, pelo item 3., temos o resultado desejado.

■

Lema 4.2.1. *Toda função contínua $f : I = [a, b] \rightarrow \mathbb{R}$ é limitada.*

Demonstração.

Demonstraremos por absurdo. Seja $f : I = [a, b] \rightarrow \mathbb{R}$ uma função contínua não limitada. Denotemos $I^{(1)} := I$. Como f é não limitada em $I^{(1)}$, temos que f é não limitada em pelo menos uma das metades do intervalo $I^{(1)}$. Seja, então $I^{(2)}$ uma das metades de $I^{(1)}$ na qual f é não limitada. Sucessivamente, construímos uma sequência de intervalos fechados $I^{(n)}$ nos quais f é ilimitada e cujos comprimentos tendem a zero. Então, pelo Teorema dos intervalos encaixados, existe um $c \in I^{(1)} \cap I^{(2)} \cap I^{(3)} \cap \dots \cap I^{(n)} \cap \dots \subset I$. Agora, pela continuidade de f , temos que $f(x) \rightarrow f(c)$ quando $x \rightarrow c$ e, portanto, existe $\delta > 0$ tal que $x \in V_\delta(c)$ implica $f(c) - 1 < f(x) < f(c) + 1$, i.e. f é limitada no intervalo $(c - \delta, c + \delta)$. Mas, como $I^{(n)} \subset (c - \delta, c + \delta)$ para n suficientemente grande, temos f limitada em $I^{(n)}$, o que é um absurdo.

■

Teorema 4.2.2. *Toda função contínua $f : I = [a, b] \rightarrow \mathbb{R}$ tem valor máximo e mínimo.*

Demonstração.

Vamos, primeiramente, mostrar que f tem valor máximo em I . Por absurdo, seja $f : I = [a, b] \rightarrow \mathbb{R}$ função contínua, M seu supremo (pelo Lema 4.2.1, $f(I)$ é um conjunto limitado) e $f(x) < M$ para todo $x \in I$. Então, $1/(M - f(x))$ é uma função positiva e contínua em I . Seja, então, $M' > 0$ seu supremo (novamente garantido pelo Lema 4.2.1) e, então, para todo $x \in I$ temos

$$\frac{1}{M - f(x)} \leq M' \Rightarrow f(x) \leq M - \frac{1}{M'}, \quad (4.6)$$

o que é um absurdo, pois isto contradiz o fato de M ser o supremo de $f(I)$. Logo, existe algum $x \in I$ tal que $f(x) = M$. Analogamente, seja m o ínfimo de $f(I)$. Então, $-m$ é o supremo da função $g(x) = -f(x)$ no intervalo I . Pelo que acabamos de demonstrar, existe $x \in I$ tal que $g(x) = -m$ e, por consequência, $f(x) = m$.

■

Teorema 4.2.3. *Se $f : I = [a, b] \rightarrow \mathbb{R}$ é uma função contínua, então $f(I)$ é um intervalo limitado e fechado.*

Demonstração.

Do Teorema 4.2.2 sejam m e M os valores mínimo e máximo de f , respectivamente. Logo, $f(I) \subset [m, M]$. Agora, sejam $c, d \in I$ tal que $f(c) = m$ e $f(d) = M$. Pelo Teorema do valor intermediário, dado qualquer $d \in [m, M]$ existe $x \in I$ tal que $f(x) = d$, i.e. $d \in f(I)$. Portanto, $[m, M] \subset f(I)$.

■

Exercícios

E 4.2.1. Prove que todo o polinômio de grau ímpar $p(x) = a_n x^n + a_{n-1} x^{n-1} + \dots + a_0$ tem no mínimo uma raiz.

Resposta. Use o Teorema do valor intermediário.

E 4.2.2. Dê um exemplo de:

- a) uma função contínua não limitada $f : I \rightarrow \mathbb{R}$ com I um intervalo limitado.
- b) uma função contínua $f : I \rightarrow \mathbb{R}$ definida em um intervalo ilimitado I no qual f tem valores mínimo e máximo.

Referências Bibliográficas

- [1] R.G. Bartle and D.R. Sherbert. *Introduction to real analysis*. John Wiley & Sons, 3. ed. edition, 2000.
- [2] C.I. Doering. *Introdução à análise matemática na reta*. SBM, 1. ed. edition, 2015.
- [3] E.L. Lima. *Análise real*. IMPA, 12. ed. edition, 2017.
- [4] G. Ávila. *Análise matemática para licenciatura*. Blucher, 3. ed. edition, 2006.

Índice Remissivo

- Cauchy, 14
- conjunto
 - discreto, 10
 - fechado, 11
 - interior, 9
- conjunto aberto, 9
- conjunto de
 - aderência, 10
- continuidade, 19
 - lateral, 20
- contradomínio, 4
- definição de
 - função, 4
- denso, 11
- domínio, 4
- extensão
 - de uma função, 6
- fecho, 10
- função, 4
 - ímpar, 7
 - bijetiva, 6
 - composta, 7
 - contínua, 19
 - crescente, 7
 - decrescente, 7
 - descontínua, 19
 - injetiva, 6
 - inversa, 6
 - não-decrescente, 7
- função contínua
 - à direita, 20
- função limitada, 5
 - à direita, 5
 - à esquerda, 5
 - inferiormente, 5
 - superiormente, 5
- função par, 7
- função sobrejetiva, 6
- fundamentos da análise, 4
- gráfico, 5
- imagem de
 - uma função, 5
- lei de correspondência, 4
- limite, 11
 - infinito, 17
 - no infinito, 17
- limite de
 - função, 11
- limite lateral, 15
- limites
 - de funções, 9
- método da
 - bisseção, 21
- ponto
 - isolado, 10
- ponto aderente, 10
- ponto de acumulação, 10
 - à direita, 16
 - à esquerda, 16
- ponto interior, 9

- restrição
 - de uma função, [6](#)
- teorema
 - dos intervalos encaixados, [22](#)
 - do valor intermediário, [23](#)
 - dos intervalos encaixados, [21](#)
- Teorema do
 - valor intermediário, [21](#)
- variável
 - dependente, [4](#)
 - independente, [4](#)
- vizinhança, [10](#)
 - perfurada, [10](#)
 - simétrica, [10](#)